

# TRIBUNA OPERÁRIA SUSPENDE SUA CIRCULAÇÃO

Circulando desde 1979, a Tribuna Operária suspende a sua edição por tempo indeterminado a partir deste número. Um pouco da trajetória deste jornal operário, o papel que cumpriu, os atentados e perseguições que sofreu, os assuntos abordados em suas páginas, estão neste número especial.

A Tribuna Operária surgiu ainda sob o regime militar, comprometendo-se a lutar pelos objetivos imediatos — de conquista da liberdade e de melhores condições de vida — e futuro dos trabalhadores, em particular os operários, rumo ao socialismo. Despertou a simpatia e o apoio dos explorados de nosso país. Foi alvo da ira dos inimigos do povo, dos que temem as mudanças progressistas. Leia nas páginas 2, 3, 4, e 8.

EDITORIAL

## A Classe Operária

**C**aro leitor. Uma avaliação ponderada da situação da Tribuna Operária nos conduziu à decisão de suspender temporariamente a sua circulação. E, em primeiro lugar, queremos agradecer a você pelo apoio decidido que deu, nestes quase nove anos, a este jornal. Na maioria dos casos você, trabalhador e trabalhadora, foi também um pouco jornalista, vendendo a TO entre seus colegas e mesmo em mutirões nas praças e nas portas de fábricas; jornalista, escrevendo para a seção "Fala o Povo" ou abastecendo a redação central com informações preciosas e denúncias da exploração capitalista; propagandista, difundindo e lutando pela política aqui exposta. Você foi também um baluarte na sustentação financeira da TO, participando das campanhas que realizamos e fazendo assinaturas do jornal. Da mesma forma somos gratos a você pela solidariedade política que nunca nos faltou, mesmo nas horas mais difíceis.

Você deve ter participado também, no ano passado, da discussão sobre a modernização do jornal, realizada nas próprias páginas da TO, com inúmeras opiniões valiosas sobre o conteúdo e a forma do que deveria ser a "Nova Tribuna". Naquela ocasião já tínhamos reconhecido que nosso jornal não tinha acompanhado o ritmo das mudanças políticas do país e das conseqüentes exigências da opinião pública em relação a um órgão de imprensa político, vinculado às concepções de vanguarda do proletariado.

A TO caiu numa certa indefinição editorial, atrasou-se e perdeu boa parte do impulso e da capacidade de resistir às pressões e dificuldades colocadas pelo sistema burguês, altamente monopolizado, submetendo a imprensa à empresa.

Diante deste quadro e consultando as principais bases de apoio do jornal, concluímos que é necessário dar um tempo para criar as bases materiais e recursos

humanos para construir uma "Nova Tribuna", com reportagens e denúncias vivas, como planejamos anteriormente — sustentação financeira, rede de distribuição e correspondentes nas principais capitais do país. Reconhecemos que o esforço realizado no ano passado foi insuficiente para isto. Com a suspensão, ainda por tempo indeterminado, examinaremos o assunto de forma mais madura e mais sólida. Pretendemos voltar com um projeto de acordo com nossos desejos e possibilidades.

De imediato, concentraremos nossas atenções em divulgar A Classe Operária, tradicional veículo das idéias revolucionárias marxistas-leninistas, que circula desde 1º de maio de 1925, embora com periodicidade irregular, principalmente devido às perseguições sofridas desde o seu surgimento. Começaremos com tiragem quinzenal. E aproveitaremos, na sua elaboração, as sugestões discutidas em função do plano da "Nova Tribuna".

Trataremos de fazer um jornal vivo, que se posicione sobre as questões candentes do país, que dê especial atenção à vida nas fábricas, que mostre as idéias dos comunistas — sempre que possível com artigos dos próprios dirigentes do PCdoB —, que aponte os vínculos entre cada batalha de classes e os objetivos maiores dos trabalhadores, rumo ao socialismo.

Temos certeza, amigo leitor, que contaremos com a mesma participação sua e de seus companheiros, para levar adiante esta tarefa. Da mesma forma, contamos com suas críticas e sugestões para melhorar a qualidade da imprensa operária e adequá-la às necessidades políticas do país.

Um dos temas que polarizou as atenções do 7º Congresso do PCdoB, realizado entre os dias 11 e 15 últimos, foi a questão da imprensa. Os comunistas, animados pelo êxito desta reunião nacional, darão todo o apoio para conduzir vitoriosamente A Classe Operária.

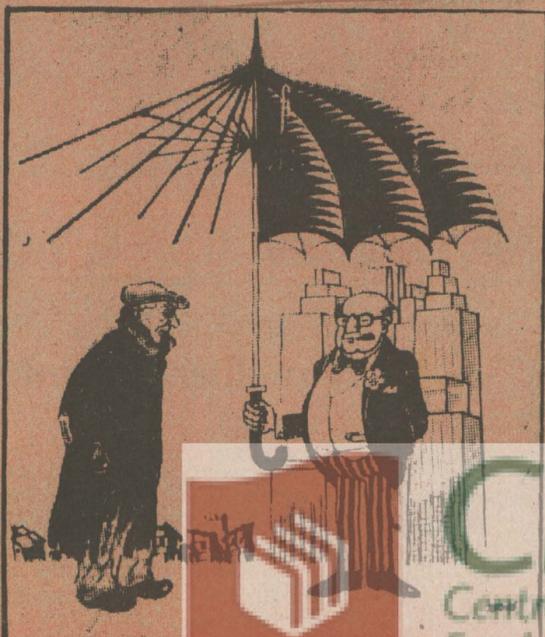
## "Um jornal que soube entender a conjuntura política"

O que fez da Tribuna Operária um jornal tão bem-sucedido nos primeiros anos após seu lançamento? Fizemos esta pergunta a alguns dos fundadores do jornal e a líderes do movimento popular. Em seus depoimentos, eles destacam que a TO analisou com precisão e orientou corretamente seus leitores num momento político decisivo, marcado pela anistia e pelo início do desmoronamento da ditadura. Por isso repercutiu muito em todas as frentes do movimento popular. Os entrevistados destacam ainda que há um grande espaço, na conjuntura de hoje, para um semanário progressista. É manifestam o desejo de ver o jornal relançado em breve, adaptado aos novos tempos. Página 3.

## A Constituinte prepara-se para votar a duração do mandato

A Tribuna Operária traz um balanço das votações feitas pela Assembléia na última semana, que trataram de temas importantes como ecologia e proteção ao meio ambiente. Além disso, alerta para a importância de acompanhar atentamente as votações em segundo turno, que começam dentro de aproximadamente duas semanas e que podem, inclusive, liquidar algumas das conquistas obtidas pelo povo. Por fim, analisa a situação que antecede a decisão sobre o mandato de Sarney, que pode acontecer ainda esta semana, e que atrairá a atenção de milhares de brasileiros. Página 6.

## O papel da social-democracia



Segundo o presidente do PCdoB, João Amazonas, é necessário uma "maior compreensão teórica e prática do papel da social democracia que é força atuante no seio da classe operária e das massas populares". Ele destaca, no trecho dedicado ao assunto no seu Informe Político ao 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil, que em nosso país "a social democracia encontra-se numa fase de implantação. É representada, principalmente, pelo Partido dos Trabalhadores, PT, que congrega além de sindicalistas, lideranças operárias e dirigentes estudantis, também trotsquistas, os renegados do marxismo-leninismo e os setores anticomunistas da Igreja Católica".

Amazonas aborda, ainda, as possibilidades de uma "política de frente única para ações comuns" sem a abdicação da orientação independente do PCdoB. A parte do Informe Político sobre a social democracia está na página 5.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# O internacionalismo na T.O.

Ao longo de sua existência, a **Tribuna Operária** procurou, ao abordar o noticiário internacional, extrair ensinamentos para os proletários brasileiros sobre os acontecimentos do mundo e expressar a solidariedade internacionalista da classe operária. Chegamos a publicar um encarte especial sobre a luta revolucionária em El Salvador, em 1982, quando o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, enviou à Organização dos Estados Americanos (OEA) um documento onde anunciava a intenção de invadir o pequeno país centro-americano para "conter o comunismo".

Também quando o então presidente da União Nacional dos Estudantes, (UNE), Javier Alfaya, visitou o Oriente Médio a convite da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), publicamos uma edição especial (**Tribuninha**) relatando a visita e a opressão dos palestinos pelos sionistas de Israel, em março de 1982.

Nos quase 10 anos de circulação da **T.O.** inúmeros aspectos da luta de classes no Globo foram motivos de matérias em suas páginas. A ação imperialista dos Estados Unidos — principal algoz dos povos latino-americanos — foi denunciada incisivamente. A farsa eleitoral que levou Ronald Reagan a substituir Jimmy Carter na chefia do imperialismo ianque, as ações militares em Granada, Nicarágua, El Salvador, Bolívia, os atos belicosos no Golfo Pérsico e no Oriente Médio — da política anti-palestina ao terrorismo contra a Líbia —, as ações nefastas na Ásia e África — em especial o apoio do **Apartheid** — foram noticiados e analisados.

## Denúncia das ações das duas superpotências

A atividade da outra superpotência imperialista, a URSS, também foi alvo do crivo da **T.O.** Os interesses espoliadores por trás da invasão do Afeganistão por tropas russas, a mão de Moscou no golpe militar anti-socialista do general Jaruzelski na Polônia, o atrelamento econômico dos países do Leste Europeu (com exceção da Albânia Socialista) aos ditames dos soviéticos, o apoio do governo da URSS a regimes antipopulares na Etiópia e outros países da África, a presença de torturadores da KGB no Irã, foram aspectos abordados no semanário. Especial atenção foi dada à análise e exposição da atuação das leis capitalistas na URSS após a traição ao socialismo comandada por Nikita Krushev e seus seguidores. Apontamos a luta de camarilhas pelo poder nas sucessões de Brejnev, Andropov e Tchernenko, que culminou com a ascensão ao poder de Mikhail Gorbachev.

De imediato demonstramos o caráter capitalista da tese gorbacheviana da **Perestroika** e da **Glasnost**. Mostramos que ela busca tirar todos os entraves para a atuação das leis capitalistas na URSS, possibilitar os despedimentos, dar livre curso à busca do lucro. No que diz respeito às manifestações contra o domínio russo nas várias nacionalidades que coabitam a URSS, alertamos para a opressão e exploração dos povos não-russos que lhes davam origem, ao tempo em que demonstramos o caráter burguês, também anti-socialista, das lideranças nacionalistas.

Os encontros entre os dirigentes das super-potências, URSS e EUA, a pretexto de busca de acordos de desarmamento, foram sucessivamente desmascarados em artigos que apontavam-nas como inimigas dos povos, arvorando-se em "defensoras da paz" e mantenedoras do **status quo** opressivo e espoliador em vigência no planeta.

A ação dos outros países imperialistas igualmente não escapou às críticas da **T.O.** A política direitista de Margaret Thatcher na Inglaterra, sua

agressão às Malvinas argentinas, a opressão da Irlanda pela Grã-Bretanha. O falso socialismo de Mitterrand, a atitude colaboracionista de seu governo com os EUA, o domínio francês na Nova Caledônia, o atentado ordenado pelo governo contra o navio "War Rainbow", do Greepeace. A disputa do Japão, Alemanha por novos mercados foi salientada.

## As atividades anti-povo dos reacionários

Os governos militares da América Latina e Ásia, o racismo do **Apartheid** sul-africano e do sionismo israelense, foram combatidos. O processo de substituição de ditaduras militares no Peru, Argentina, Uruguai, Filipinas, Haiti, entre outros, por governos civis conservadores foi analisado. O caráter contra-revolucionário da guerra Irã-Iraque foi denunciado.

As lutas operárias e populares mereceram especial destaque nos artigos da sessão internacional. A atividade dos partidos marxistas-leninistas; as lutas guerrilheiras em El Salvador, Colômbia, Filipinas, Eritreia, Tigrê, Afeganistão etc.; as greves operárias (com destaque para a luta pela redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais na Alemanha, e a heróica greve dos mineiros na Inglaterra, que durou quase um ano) eram divulgadas e apoiadas; as históricas manifestações pela paz na Europa e Estados Unidos, abarcando milhões de

pessoas, foram saudadas, ao tempo em que se apontava o caráter limitado da luta pela paz se esta não ficar relacionada com a luta pelo socialismo.

Buscamos tirar ensinamentos do caráter antipopular da aplicação das recomendações do FMI nos países endividados — em especial o México, Argentina, Polônia e Hungria, entre outros — e apontar a feição estratégica que ia assumindo a luta contra o pagamento da dívida externa.

## Apoio às lutas dos proletários de todo o mundo

Chamamos a solidariedade para o povo da Nicarágua, atacado pelos EUA, e para os povos árabes, em especial o palestino e o libanês, agredidos militarmente pelo governo sionista de Israel. Denunciamos os golpes militares na Polônia, Suriname, Guatemala; as ditaduras sangrentas do Chile, Paraguai, Coreia do Sul. Abordamos o belicismo norte-americano e seu projeto "Guerra nas Estrelas". Analisamos a crise do capitalismo e o **crash** na Bolsa de Nova Iorque. Alertamos para o aspecto antipovo das visitas do papa João Paulo II a ditadores como os generais Pinochet (Chile), Rios Montt (Guatemala), Jaruzelski (Polônia), Estroessner (Paraguai), Galtieri (Argentina), entre outros governantes opressores.

Orientamo-nos, nesse trabalho jornalístico, sempre por

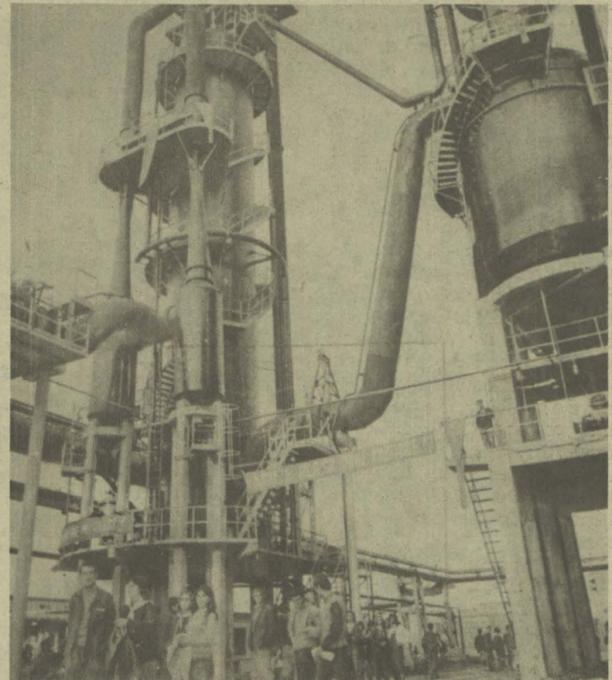


Mulher negra espancada pelos racistas diante do "Palácio da Justiça" em Pretória, África do Sul

despertar o sentimento internacionalista do povo brasileiro, demonstrar que a luta dos oprimidos de todo o mundo é parte integrante da guerra de classes pelo socialismo.

Apontamos, sempre, o socialismo como o futuro da humanidade. E divulgamos em nossas páginas o exemplo da construção de uma sociedade sem explorados e exploradores na Albânia. Saudamos os êxitos do socialismo albanês, ao tempo em que demonstrávamos que eles eram decorrentes da aplicação da ciência do proletariado, o marxismo-leninismo, na construção da nova sociedade. Tivemos sempre presente a legenda de Marx e Engels no "Manifesto do Partido Comunista": Proletários de todo o mundo, uni-vos!

(Carlos Pompe)



Complexo industrial albanês: os êxitos do socialismo proletário



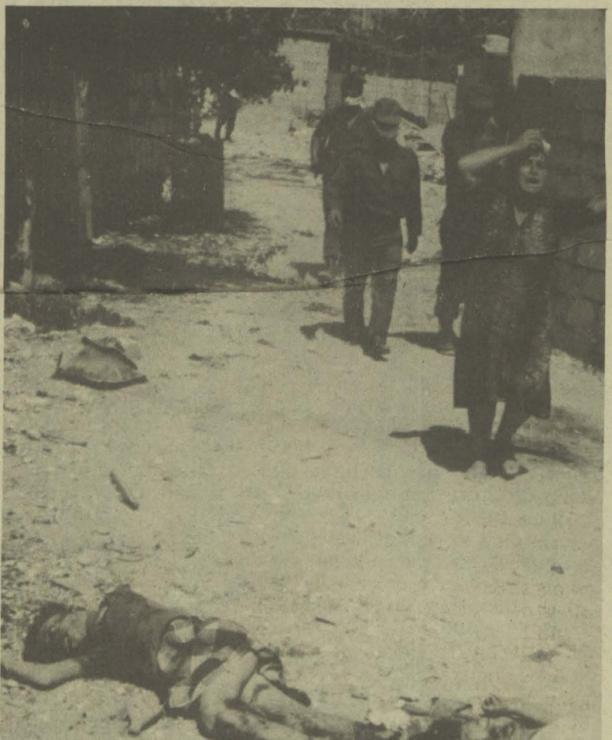
Tanques contra o povo polonês: por trás do golpe militar, o dedo do social-imperialismo soviético



Gorbachev e Reagan: acordos para oprimir os povos



A guerrilha salvadorenha foi assunto de um encarte especial da Tribuna Operária



**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Sabra e Chatila: crime sionista que faz lembrar o nazismo

**PRESEÇA DA MULHER**  
ADEUS ÀS BONECAS

## A mulher presente

Em circulação o número 8 da revista "Presença da Mulher", que destaca a gravidez na adolescência e uma entrevista com a atriz e cantora Zezé Mota entre suas reportagens. Nesta edição há também um artigo de João Moraes sobre o feminismo masculino. "Presença da Mulher" pode ser solicitada à Editora Liberdade Mulher, ao preço de Cz\$ 100,00 o exemplar. Enviar cheque nominal para a editora à rua dos Bororós, 51, 1º andar, CEP 01320, Bela Vista-São Paulo-SP. Fone: 279-3646.

# O papel decisivo da imprensa operária

Fundadores da "Tribuna Operária" e líderes do movimento popular que foram influenciados por ela falam sobre sua importância no período particularmente rico em que foi lançado. E destacam: é preciso estudar as formas de relançar o jornal num novo patamar.

## Soubemos ver a conjuntura

A **Tribuna Operária** nasceu poucas semanas antes da Anistia de 1979. Nossa equipe inicial não passava de cinco companheiros. Com excessão de Carlos Azevedo, veterano jornalista, éramos todos "focas", pelo menos em termo de imprensa legal. E, naturalmente, não tínhamos um tostão. Nosso capital se reduzia à percepção de que a nova situação do país permitia, exigia, reclamava até, um novo tipo de jornal.

Levamos cinco ou seis meses correndo contra o tempo para atender a este reclamo. Nessa gestação a toque de caixa, foi se definindo o perfil da "Tribuna Operária", a começar pelo nome, objeto de longo debate. O logotipo foi obra de Elifas Andreato, que contribuiu também com um quadro — três operários, sofridos, amargos, interrogativos — que se transformou em um belo cartaz. A periodicidade definida foi semanal, mas passando por um estágio quinzenal, por razões de dinheiro. Seria um jornal nacional, destinado principalmente aos trabalhadores que despertavam, aos milhares, para a luta grevista, a resistência antiditatorial e o combate de idéias. A linha editorial, publicada no número zero, comprometia-se com os direitos dos trabalhadores, a liberdade, a independência nacional e o socialismo.

### EM DIA COM A CONJUNTURA

Era, portanto, um projeto ambicioso. Mas como transformá-lo num jornal de papel e tinta? Não faltavam dificuldades, desde a ditadura militar, que perdurava, até a monopolização de imprensa e os custos astronômicos. Não faltavam vozes descrentes. Alguns, sem compreender a realidade, opunham-se à **Tribuna** alegando que ela iria "expor nossas forças." Um jornalista, pouco depois transformado em astro do noticiário "global" chegou a fazer uma apos-



Bernardo: "Os trabalhadores já tinham sede de saber".

ta: pagaria uma garrafa de cerveja por cada exemplar vendido além dos 10 mil...

Ocorre que os cétricos não contavam com a sede de saber que contagiara os trabalhadores. Plantada neste terreno fértil, numa época propícia, a **Tribuna Operária** vingou e lançou raízes.

Os primeiros números foram uma marafoa. A nossa equipe de quatro ou cinco desdobrava-se desde a reunião de pauta até o despacho dos jornais no aeroporto. Durante o "fechamento", não era raro passar duas noites em claro, para garantir a periodicidade. A experiência diminuta e o amadorismo impunham uma sobrecarga que só um esforço imenso era capaz de vencer.

### A PÓLVORA E A FAISCA

Logo, porém, foram chegando os ecos da **TO** pelo Brasil afora. O número zero, com 30 mil exemplares, transformou-se em peça rara, artigo de colecionador. Nos números seguintes, reduzimos a tiragem, por razões econômicas, mas em seguida esta começou a crescer. Era o sinal de que começavam a se formar a rede

invisível, anônima e abnegada dos "tribuneiros" — trabalhadores conscientes que vendiam, sustentavam, defendiam e, em grande medida, "faziam" o jornal. Ao lado disso, outro termômetro de aceitação da **TO** era a seção "Fala o Povo", dedicada às cartas de leitores, mas com um tratamento e um destaque especiais, e conforme o exemplo do jornal "Pravda" de Lenin e Stálin. Coube a estas cartas fazer algumas das mais vigorosas denúncias de toda a história do jornal.

Passada a primeira fase, de implantação do jornal e formação da rede de "tribuneiros", encaramos a tarefa da passagem ao semanário. Foi a época da "Campanha Raimundo Lana" — batizada assim em homenagem a um notável metalúrgico de Contagem, que vendia 70 jornais em sua fábrica e costumava dizer: "Se o povo é a pólvora e as idéias são a faísca, vamos vender o jornal e preparar o estouro."

(Bernardo Joffily, fundador da "Tribuna Operária" e presidente do PCdoB em S. Bernardo do Campo — SP)

## Jornal vira "tendência"

"1979 foi o ano da anistia, das grandes greves operárias, da reconstrução da União Nacional dos Estudantes — UNE — e do surgimento da 'Tribuna Operária'. Pelo terceiro ano consecutivo os generais enfrentavam a tempestade do movimento democrático e popular, iniciada com as manifestações estudantis de 1977. O regime militar já durava 15 anos e, esgotado o período do milagre, dava sinais evidentes de que iniciara a contagem regressiva de seu fim.

As universidades viviam uma espécie de fase dourada de debates políticos e ideológicos. Horas e horas eram consumidas em discussões sobre as etapas estratégicas da revolução, a respeito do papel dos camponeses e do campo nas transformações e da necessidade ou não da violência revolucionária. Platéias diminutas, mas atentas, escutavam avidamente os defensores das mais diversas posições, até se definirem, por um daqueles intrincados caminhos para se chegar à transformação da sociedade. Dali, armados com o que julgavam ser a orientação infalível para a liberdade, partiam os mais resolutos e destacados ativistas do movimento estudantil.

### LUTA INTERNA

A 'Tribuna Operária' surgiu num desses momentos sublimes, quando a confiança e o entusiasmo na luta contagiavam as forças progressistas e revolucionárias. Apresentava-se já vitoriosa na luta interna vivida pelo PCdoB nesse período, quando Oséas, Levy e outros levantaram-se contra o partido e sua direção. Oséas e Levy superestimavam a força da ditadura, avaliavam mal o crescimento do movimento democrático e popular, e prega-

vam uma ação política tímida, recuada. Eram contra o lançamento da **Tribuna Operária** e atacavam como "aventureira" a linha ofensiva do PCdoB contra os governos militares. Suas idéias foram destroçadas, e com elas a opinião de arquivar o projeto do jornal, que afinal veio a ser publicado.

### OS "TRIBUNEIROS"

Nesta época o movimento estudantil se organizava através de tendências que, surgidas nas grandes universidades, se ramificavam pelo país inteiro. Em S. Paulo havia a 'Caminhando', originária da USP, dirigida pelo PCdoB, mas cujos integrantes no estado em parte terminaram ficando com as opiniões falsas de Oséas e companhia.

Aqui, mais uma vez, a **Tribuna Operária** cumpriu um importante papel. Embora tivéssemos ficado com a imensa maioria dos que seguiam "Caminhando" no plano nacional, o pequeno grupo dissidente de S. Paulo terminou por se aposar da denominação da tendência. Resolvemos este estranho episódio elegendo a **Tribuna Operária** como nossa

tendência e nossa bandeira. Éramos os 'tribuneiros'. E a partir daí, no Congresso da UNE de 1980, em Piracicaba, isolamos os poucos integrantes da antiga 'Caminhando', que haviam ficado contra nós e já se juntavam aos nossos adversários no movimento estudantil. Foi a última vez que se ouviu falar de 'Caminhando'. A partir daí 'Viração' passou a identificar a linha vermelha dentro do movimento universitário.

### AFINADA COM A CONJUNTURA

O jornal 'Movimento' formara nos anos anteriores toda uma geração de quadros do movimento estudantil em torno de idéias avançadas e progressistas. Mas a nova situação surgida a partir de 1977 erguera novas exigências à nossa frente. A **Tribuna Operária** trazia a identidade com esta conjuntura de ofensiva do movimento popular e que se confundia com nossas próprias vidas. Era como se nela estivesse escrito que tínhamos razão".

(Aldo Rebelo, presidente da UNE em 1979 e dirigente nacional do PCdoB).



Aldo: Ficamos conhecidos como os "tribuneiros"

## Retomar em outro nível

"A **Tribuna Operária** jogou um papel insubstituível na imprensa brasileira dos últimos tempos. Ela conseguiu se firmar, mesmo com todas as debilidades, superando o pesado cerco da grande imprensa reacionária. Durante seus quase nove anos de vida, ela contribuiu para divulgar as idéias e propostas dos trabalhadores e das forças progressistas, ajudando na luta por um Brasil democrático e soberano e na propaganda do socialismo."

"Conheço a **Tribuna** desde o seu número um. Ela me ajudou muito na formação e na definição política. A partir do número 10 eu já vendia o jornal. Principalmente suas matérias de orientação, como o editorial e as Lições da Luta Operária, contribuíram muito na minha militância política e sindical do dia-a-dia."



Nivaldo: "Há espaço político para a imprensa operária".

"A suspensão de um jornal com essas características decorre de necessidades predominantemente materiais. Do ponto de vista político, existe um grande espaço para a imprensa operária. Nesse período de suspensão é preciso estu-

dar as melhores formas para retomar o jornal, num novo patamar, e mantê-lo."

(Nivaldo Santana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Purificação da Água e Esgoto de S. Paulo).

## Presença enorme no campo

"A **Tribuna Operária** teve um papel de destaque no desenvolvimento das lutas no campo. No caso de Goiás, é indiscutível que ela contribuiu em muito para o fortalecimento do movimento dos trabalhadores rurais. Ela ajudou na formação de inúmeros dirigentes e lideranças sindicais, que tinham no jornal um firme orientador para ação."

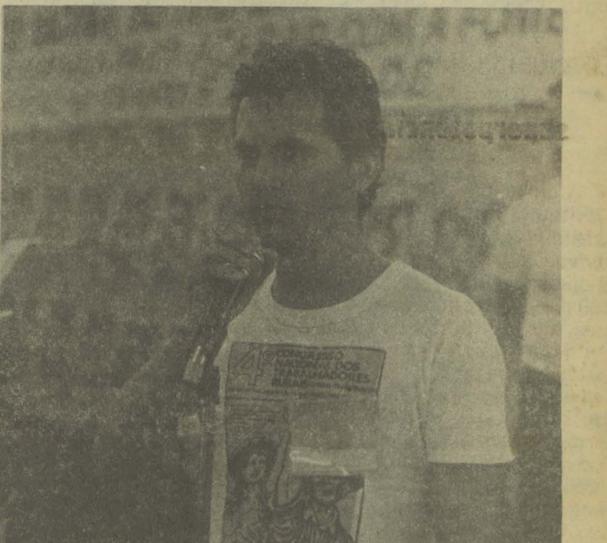
"Através da **Tribuna Operária**, o PCdoB também ampliou sua presença no campo goiano. O jornal desmascarou as idéias anticomunistas dos latifundiários e da reação, contribuindo para aumentar as adesões ao partido. Apesar de todas as nossas debilidades, chegava a várias regiões do Estado. Em várias reuniões e assembleias, percebi que muitas lideranças se baseavam nas matérias da **Tribuna Operária** para comandar as mobilizações na base. Antes da gente chegar com orientações, lá estava o jornal."

"Mesmo pessoas que divergiam das opiniões da **Tribuna**, consideravam o jornal sério. Sabiam que ela se diferenciava dos jornais das classes dominantes, que era uma imprensa a serviço das lutas dos trabalhadores. Além disso, a **Tribuna Operária** foi sempre muito popular. Sua leitura era de fácil entendimento, mesmo para as pessoas com menos estudo."

"Várias matérias marcaram a história da **Tribuna Operária** no campo. Uma delas, por exemplo, denunciou as tentativas da UDR de me assassinar. Esse jornal teve grande repercussão no Estado e, sem dúvida, ajudou a colocar os latifundiários na defensiva. Outra, que relatou o massacre de um líder camponês do Pará, o Quintino, foi muito procurada e lida."

"A suspensão da **Tribuna Operária**, mesmo que seja por pouco tempo, vai deixar um

grande buraco. O pessoal vai sentir a falta do jornal. Ele nos ajudava muito no trabalho de organização dos explorados do campo. Sabemos que a suspensão se deve a dificuldades financeiras e materiais. Nós todos, que divulgamos e vendíamos o jornal, temos responsabilidade nisso. Nosso desejo é que a **Tribuna** ressurgja o mais rápido possível". (Divino Goulart, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás, Fetaeg)



Divino: "Os camponeses baseavam-se na 'Tribuna' para lutar".

## Um projeto para as massas

Carlos Azevedo, um dos fundadores desta **Tribuna Operária**, falou na semana passada sobre o período de construção do jornal, num cenário político que vivia os tempos da anistia e o início de desintegração do regime militar:

**TO:** Quais as principais preocupações, do ponto de vista jornalístico, que você teve ao encarar o projeto da **Tribuna Operária**?

**Azevedo:** Nossa tarefa consistia em criar um jornal de massas e popular para a classe operária e os trabalhadores. Por isso, adotamos uma receita jornalística simples e direta: a coluna "Fala o Povo" sintetizava essa preocupação e acabou se tornando uma marca do jornal. A discussão sobre o conteúdo do novo órgão começou em julho de 1979, com prazo de implantação curto. Outro propósito de que nos imbuímos foi o de abordar a conjuntura através de reportagens sobre o movimento popular, procurando formar os

correspondentes no local onde as coisas acontecem. Criamos, então, o *Guia do Correspondente*, com o objetivo de ajudar os "novos jornalistas" populares.

**TO:** E como o jornal deslançou?

**Azevedo:** O que mais me impressionou naquela época, foi como o jornal conseguiu sobreviver apesar da extrema precariedade de recursos. Acabávamos uma edição e não tínhamos o dinheiro para a próxima. Até nesta questão, o jornal se firmava como popular: os leitores é que semanalmente enviavam suas contribuições.

**TO:** E como atingir esse público?

**Azevedo:** Adotamos uma fórmula bem simples, que era de fácil apreensão popular. Além do texto claro, as ilustrações também jogaram papel especial. O Bernardo Joffily criou um estilo que, sem dúvida, já faz parte da história da ilustração brasileira. A linha editorial irônica, como foi o caso daquela manchete "O povo

não aperta essa mão!" (Sobre o general Figueiredo), repercutia muito positivamente na circulação do jornal.

**TO:** Qual a contribuição específica da **Tribuna Operária** para a imprensa operária e popular?

**Azevedo:** Ao contrário de inúmeros jornais, a **TO** foi criada para as massas fundamentais e não apenas para a pequena-burguesia, ligando os problemas do dia-a-dia do povo às suas lutas políticas. Havia outros jornais que também se propunham ao mesmo objetivo, mas não reservavam espaço concreto em suas páginas para isso. A segunda característica é que a **TO** sobreviveu num período em que a imprensa democrática e popular enfrentava certas dificuldades, quando vários jornais foram fechados. O fato é que a maior parte deles estava baseada no apoio da pequena-burguesia, que de uma forma ou de outra passou a se sentir representada em órgãos da grande imprensa que reciclaram.



**RÁDIO TIRANA**

**A VOZ DA REPÚBLICA POPULAR SOCIALISTA DA ALBÂNIA**

Programação diária para o Brasil: 7 horas da manhã em ondas curtas de 25 e 31 metros, às 20 e 22 horas em ondas curtas de 31 e 42 metros. Emissões de uma hora de duração.



**República Socialista da Albânia e História**

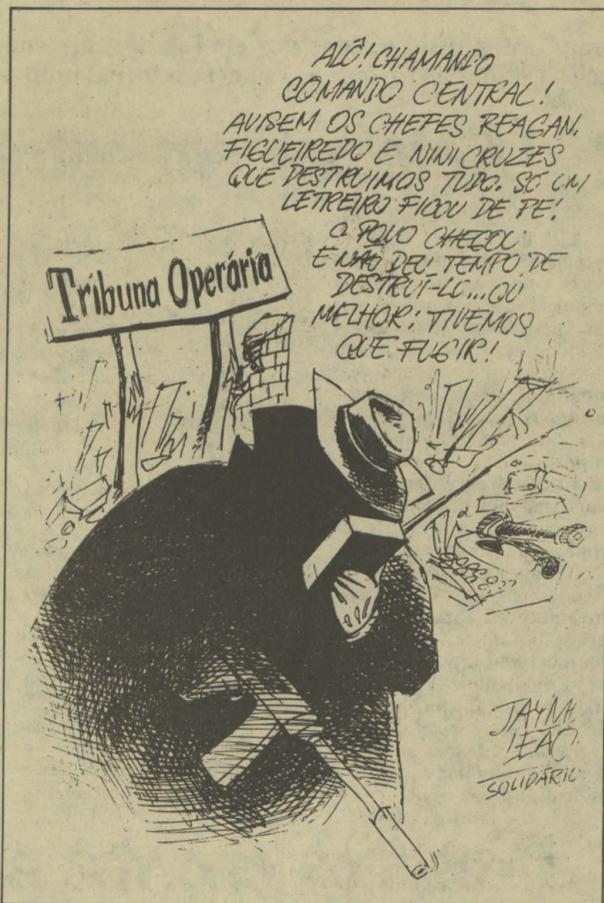
# TO: uma rica e combativa trajetória

Ao prepararmos o lançamento da **Tribuna Operária**, no segundo semestre de 1979, um amigo da imprensa nos advertiu: "É preciso ter no mínimo o dinheiro para seis meses de circulação.". Quando a primeira edição foi publicada, não tínhamos recursos nem para seis dias.

Mas choveram colaborações. Centenas de colaboradores passaram a vender o jornal voluntariamente. Muitos pagavam até dez vezes o preço de um exemplar, para "dar uma força". Ativistas, sindicalistas, estudantes, operários, professores, gente que nunca tínhamos visto, escreviam ou nos procuravam para sustentar a imprensa operária legal. Alguns amigos, por "milagre" dos serviços de correios, receberam a nossa carta pedindo apoio para distribuir o jornal nesta ou naquela cidade depois de, partindo da idéia de quem cala consente, termos enviado 100 ou 200 jornais pedindo que o resultado das vendas fosse remetido com a maior urgência. Resposta: "tudo bem, segue o dinheiro, aumentem a cota". Foi assim que a **TO** emplacou.

Mas a imprensa do povo não sobrevive apenas com as vendas. Para ter uma sede, pagar telefone, contar com um laboratório fotográfico minimamente equipado, as despesas são enormes. Já em julho de 81 foi lançada a campanha Raimundo Lana (companheiro operário de Minas morto com a **TO** nas mãos), para arrecadar recursos e permitir a passagem da periodicidade de quinzenal para semanal.

A campanha foi um grande êxito. Alcançamos, até o fim de setembro, uma tiragem de 60 mil exemplares por quinzena. Arrecadamos 3 milhões de cruzeiros (a meta era de 4 milhões). Na Zona Oeste de São Paulo, numa empresa metalúrgica com 1.500 operárias, os tribuneiros chegavam a vender 160 jornais. O companheiro Joel vendia 75 exemplares na Mapri. Amigos tra-



balhadores portugueses, franceses e alemães, residentes na maioria na Alemanha, enviaram aproximadamente 40 mil cruzeiros. No início de 1982, a partir de março, a **TO** passou a sair semanalmente.

Em abril, maio e junho de 1983 outra jornada para reforço da **TO**: campanha Karl Marx. As vendas subiram para 51 mil por semana. São Paulo alcançou 17 mil exemplares. Atingimos 4.887 assinaturas, 98% da meta de 5 mil. A Bahia passou a 9 mil jornais por semana. Um operário químico do ABC, em São Paulo, vendeu 66 assinaturas para seus colegas de trabalho, além de vender 50 números por semana dentro da empresa. No Me-

trô, os tribuneiros venderam 300 jornais por semana.

Em 22 de abril de 1984, uma bomba incendiária destruiu parte da sede do jornal em São Paulo, no Bairro da Bela Vista. Imediatamente os trabalhadores e democratas se mobilizaram. Mensagens e apoio financeiro surgiram de todos os pontos do país. Reconstruímos o prédio — e ainda ampliamos uma parte. E passamos a circular com 10 páginas.

Depois de 1985, já com problemas numa certa defasagem do jornal em relação às necessidades, não conseguimos organizar outras campanhas. O salto para a "Nova Tribuna" não se tornou possível.

## Cartas de todo o Brasil

**Fala o Povo** nasceu junto com a **Tribuna Operária**, já no número 0 do jornal. Não surgiu para ser uma seção de cartas comum. A proposta era de uma seção onde o povo pudesse ter voz e vez, opinar sobre os acontecimentos em curso, denunciar a opressão, enfim, soltar o verbo. O objetivo era formar verdadeiros correspondentes do jornal, que transmitissem para o papel aquilo que viam e vivenciavam no dia a dia. Nosso jornal queria fazer de cada leitor um jornalista atento. E pedia: "Por mais cansado que esteja do trabalho, das reuniões nas comissões de fábrica, nos sindicatos, no movimento contra a carestia, no CBA (Comitê Brasileiro de Anistia — então uma importante entidade de luta democrática), enfim, do trabalho e da luta, tire um tempo, reflita e escreva-nos. Ponha no correio ou traga à redação. Sua carta-reportagem será publicada.

E o povo falou. Somente nos dois primeiros anos de existência da **Tribuna** foram publicadas 1021 cartas, de praticamente todos os Estados do país. Delas, cerca de 40% foram escritas por operários, 18% de trabalhadores da cidade e 12% de trabalhadores do campo.

Algumas destas cartas-reportagens criaram muita celeuma, despertaram polémica. Foi o caso por exemplo da enviada por um grupo de operárias da Frangominas, que de-

nunciava suas péssimas condições de trabalho, a insalubridade, as frieiras causadas pelo frio e a umidade, os salários baixos. Pois bem: quando a **TO** foi vendida na porta de empresa, criou-se um tumulto. Todos queriam comprar. A denúncia ganhou peso. Os patrões foram obrigados a recuar. Três meses depois, nova carta informava que os salários das operárias haviam sido equiparados aos de seus colegas homens. E as condições de trabalho estavam melhores...

De Suzano, no interior de São Paulo, um leitor denunciou o tráfico de cocaína pelo prefeito do PDS. A carta nos rendeu processo pela lei de imprensa e pela legislação comum. As testemunhas sofreram ameaças. Recebemos telefonemas anônimos com ameaças de violência. Mas ganhamos o processo. As ruas de Suzano foram pixadas denunciando o que todo mundo já sabia e não tinha coragem de denunciar. O prefeito acabou com sua imagem, já ruim, bem chamuscada.

Exemplos como esses se multiplicaram por todo o país. O gerente de uma empresa paulista, denunciado como carrasco pelos operários, compareceu à nossa redação para se justificar. E acabou se arrependendo do papel que vinha desempenhando como testa de ferro de um patrão explorador. Foi demitido. Mas não voltou atrás. Tinha acordado.

Nesses nove anos de Tribu-

na **Operária**, **Fala o Povo** foi um constante canal de comunicação entre o jornal e os leitores. Em nossa redação chegaram correspondências de todo o país e até do exterior, como foi o caso de um operário alemão falando sobre a exploração na fábrica. Onde o jornal conseguia chegar, enfrentando as barreiras impostas a uma imprensa popular e democrática, sempre havia algum retorno no **Fala o Povo**. Acontecimentos locais eram relatados. E muitas denúncias que a grande imprensa se recusava a divulgar, em cumplicidade com os órgãos do poder, eram publicadas na seção.

**Fala o Povo** atravessou os altos e baixos do jornal, refletindo fielmente a capacidade de venda e a tiragem da **Tribuna**. As cartas eram um bom termômetro de como o jornal era recebido pelo público. Nos tempos de maior pique do movimento popular e de nosso jornal, recebíamos tantas cartas que éramos obrigados a fazer uma seleção, publicando as melhores. E as reclamações choviam. Quando a tiragem baixava o número de correspondência também se reduzia.

Quando quinzenal, a **Tribuna** dedicava duas de suas oito páginas ao **Fala o Povo**. Quando começou a sair semanalmente, a seção passou a ocupar uma página, mantendo portanto o mesmo espaço proporcional para a palavra do leitor.

O espaço dedicado ao **Fala o Povo** evidencia como nosso jornal sempre se preocupou em manter-se ligado com o leitor, interessado em transmitir suas opiniões e retratar a riqueza do dia a dia que as cartas refletiam.

Assim que surgiu, nosso jornal propunha-se a refletir e divulgar a luta do povo, contribuir para fortalecer os movimentos populares. Fez isso durante toda sua existência. E **Fala o Povo** foi uma seção privilegiada neste sentido. Pois até as menores lutas, os exemplos de acontecimentos mais distantes, tinham um espaço para divulgação. (Olivia Rangel)



Olivia Rangel, fundadora da T.O. e editora do "Fala o Povo"

## Terror contra o jornal

Não foi apenas o proletariado que ficou de "antena ligada" com o surgimento da **Tribuna Operária**. O amor dos trabalhadores à sua imprensa tinha como contraponto o ódio da ditadura militar. Já em 27 de agosto de 1980, menos de um ano de vida do jornal, a sede do Rio de Janeiro foi praticamente destruída por uma bomba. No mesmo dia em que D. Lyda Monteiro foi assassinada, na OAB, e que José Ribamar foi gravemente atingido por outro petardo na Câmara de Vereadores, também no Rio.

Dezenas e dezenas de tribuneiros foram presos e espancados nas ruas e portas de fábricas pelo "crime" imperdoável de vender o jornal. Muitos foram demitidos de seus empregos pelo mesmo motivo. Jornaleiros que expunham o jornal nas bancas sofreram ameaças da Polícia Federal. Os diretores da **TO** foram vítimas de vários processos, pela Lei de Imprensa, de Segurança Nacional e até por "calúnia e difamação" — neste caso por chamar um explorador de explorador e taxar de miseráveis as miseráveis condições de vida e trabalho impostas por tal explorador aos operários.

No domingo de Páscoa de 1984, três dias antes da votação da emenda Dante de Oliveira, das diretas-já, a sede da **TO** foi incendiada. E, para completar, a Polícia Federal aproveitou o ensejo para saquear o jornal, levando nosso arquivo fotográfico (cerca de 8 mil fotos) e uma teleobjetiva.



A direita, exasperada, jogou uma bomba incendiária contra a sede

Em diversas outras ocasiões, as sedes de Arapiraca, em Alagoas, de Taubaté, em São Paulo, Salvador, Goiânia, Manaus e outras, foram invadidas pelos "defensores da ordem".

Duas edições do jornal foram apreendidas por denunciarem que Figueiredo havia engolido a bomba assassina do Riocentro. E uma **Tribuninha** que incor-

reu na desgraça do PT, também foi "protegida" pela Polícia Federal.

Fazendo juz à classe que representa, a **TO** jamais se dobrou a estes atentados. E a equipe que se orgulha de ter trabalhado neste baluarte do socialismo continuará mantendo bem alta esta bandeira revolucionária nas novas tarefas que têm pela frente.

## Venda dentro das fábricas

Vender, na clandestinidade ou "na surdina", 75 exemplares de cada edição da **Tribuna Operária** num ambiente carregado com o medo do "facão" e a repressão patronal. Isto foi feito pelo operário Joel Batista no interior da metalúrgica Brazaço-Mapri, com cerca de 2 mil trabalhadores, situada na Vila Leopoldina em São Paulo. Ele conquistou um dos prêmios da campanha Raimundo Lana.

Joel, hoje responsável pela organização do PC do B no movimento operário paulista e membro do Comitê Central do partido, lembra que em 1981 — ano em que teve início a recessão econômica que se estenderia até 1983 — "depois de ser recrutado para o PCdoB", passou a vender "inicialmente 15 jornais dentro da metalúrgica".

— Na fábrica — ensina — não há a menor liberdade para realizar esse tipo de venda. Era preciso selecionar as pessoas e vender na surdina. Eu trabalhava como ajustador-mecânico na seção de manutenção e comecei a vender na própria seção. Carregava os jornais, dobrados em quatro partes, sob a blusa para que a chefia não percebesse. Como mantinha



Joel Batista vendia 75 jornais

um certo relacionamento com o pessoal, discutia o conteúdo das matérias veiculadas na **TO** e convenia os operários a comprar. Perguntava, primeiro, se o cara gostava de ler, depois se lia jornal e, enfim, se conhecia o jornal de nossa classe.

"Depois de algumas explicações" — prossegue — "o pessoal comprava. Eu anotava os nomes e geralmente cobrava depois. Passei para as outras seções, selecionando os compradores em po-

tencial e a cada semana dava um passeio por todas as seções. Arranjei seis companheiros que ajudavam a vender a **TO**, discutia com todos os leitores, procurava convencer os que deixavam ou queriam deixar de comprar o jornal. O resultado é que a venda nunca diminuía, sempre crescia 5, 10, 15 exemplares a mais de uma semana para outra".

Assim foi, segundo conta, "até que fui despedido quando ajudava a organizar uma greve. Neste período vendíamos 75 exemplares. Ninguém deixava de pagar o jornal, o controle era rígido, o jornal não encahava e não dava problemas com a direção porque esta não tinha como descobrir, uma vez que tudo era feito de forma clandestina. Devido ao contato através do jornal, além de recrutar camaradas da fábrica para o PCdoB eu cheguei a ser eleito para a CIPA, ocupando a vice-presidência. Nas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos, em 1981, a chapa 3, encabeçada por Aurélio Peres e da qual eu participava, foi a que obteve mais votos na Mapri. Tudo isto mostra a importância do jornal para ampliar a influência dos comunistas no seio da classe operária".

## Um organizador coletivo

A **Tribuna Operária** cumpriu um papel decisivo para a construção do Partido Comunista do Brasil em Goiás, conforme o presidente do partido no Estado, o vereador de Goiânia Euler Ivo. Eis o seu depoimento:

"A **TO** foi fundamental para a reorganização do partido goiano. Cumpriu, sem sombras de dúvidas, aquela função a que Lênin se referia quando fala no jornal como um organizador coletivo. Podemos dizer que se o PCdoB está construído hoje em Goiás isto se deve à **Tribuna Operária**."

"No início de 1980 não podíamos contar sequer com um filiado em todo o Estado, não existia praticamente nenhum companheiro do PCdoB. Eu cheguei, junto com minha companheira, carregando 2.500 jornais. Fizemos uma ampla divulgação junto à população e não demoramos a colher os frutos."

"Inicialmente lançamentos a **TO** com grandes pixações no asfalto, tarefa que realizei junto com minha irmã e algumas pessoas do movimento popular e tratamos de fazer uma propaganda potente do jornal. Já no primeiro mês recrutamos entre 10 a 15 novos membros do partido em Goiânia com base na divulgação do jornal, inclusive o Luiz Orró, hoje suplente do Comitê Central

eleito no 7º Congresso.

"Esses companheiros constituíram o núcleo de direção do partido no Estado e foi a partir deste início que avançamos. Tenho a impressão de que Goiás foi o caso mais singular no sentido de comprovar a importância do jornal para a construção do PCdoB."

"No movimento camponês a contribuição não foi menor. Nós sempre enviávamos o jornal de forma sistemática para todos os sindicatos. No campo predominava a idéia falsa de que sindicato não faz e nem deve fazer política, que era abraçada por elementos da Igreja e inclusive por militantes do PT. A **TO** chegava, era lida pelos diretores do sindicato e por ativistas. Essa opinião equivocada foi logo vencida com o auxílio do jornal. Com base nele também recrutamos muitos sindicalistas e lideranças rurais."

"É preciso dizer que a **Tribuna Operária** não contribuiu apenas para a filiação, mas também para a unificação dos comunistas, uma vez que sempre veiculava de forma clara as orientações políticas revolucionárias."

"Vale registrar a forma com que forças anticomunistas disfarçadas atacaram o jornal no intuito de atingir os comunistas. Em determinadas assembleias de

massas, elementos sectários ou de direita levantavam que fulano ou sicrano era 'tribuneiro' — o que, na verdade, queria dizer comunista, dado que o partido ainda era ilegal — e, por isto, não podia falar nas reuniões populares."

"O termo 'tribuneiro' era utilizado por esse pessoal de maneira agressiva, como acusação. Alguns companheiros chegaram a ficar constrangidos. Mas realizamos várias reuniões e levantamos o ânimo de todo mundo. Passamos a nos intitular os tribuneiros do cerrado e incluímos nas edições do jornal um encarte contendo um boletim com esta denominação ('o tribuneiro do cerrado')."

"Assim, passamos à ofensiva e o que era utilizado como acusação passou a se constituir um elogio, o 'tribuneiro' era uma palavra que nos enaltecia. Hoje o Partido Comunista conta, em Goiás, com mais de 8 mil filiados, tem um deputado federal e três vereadores. Está com 58 diretórios organizados e legalizados e tem contatos em 100 municípios do Estado. Não há nenhum exagero em dizer que, sem o jornal, a situação seria bem diversa, o trabalho mais complicado e difícil e o resultado não seria tão bom. O PCdoB deve muito à **TO** em Goiás."

# A social-democracia a serviço do capitalismo

João Amazonas

**A social-democracia está a serviço do capitalismo. Porém é possível fazer alianças temporárias, delimitadas, com essa corrente política representada, no Brasil, principalmente pelo PT, para fazer avançar a consciência dos trabalhadores. É o que afirma o presidente nacional do PC do B, João Amazonas, em seu informe político ao 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil. Publicamos, a seguir, a parte do informe onde é abordada a opinião dos comunistas sobre a social-democracia.** (Intertítulos da redação do TO)

Diante da situação por que passa o país e da possibilidade de desdobramentos políticos radicalizados, o Partido Comunista do Brasil, PCdoB, necessita reforçar ideologicamente suas fileiras, tendo em vista alianças mais amplas no campo tático. Isso exige maior compreensão teórica e prática do papel da social-democracia que é força atuante no seio da classe operária e das massas populares.

Já no informe do 6º Congresso essa questão foi abordada. Naquela oportunidade, dizíamos que o PDT e o PT eram correntes social-democratas. Nos cinco anos transcorridos, o PDT aproximou-se mais da tendência de tipo populista, com uma direção caudilhesca. O PT, no entanto, afiançou-se como portador da corrente social-democrata. Também o PSB a defende, embora sem maior penetração na classe operária. Entre setores divergentes do PMDB surgem intenções dessa natureza. O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, tem realizado alianças restritas com esses agrupamentos políticos, especialmente na Assembléia Constituinte.

## SOCIALISMO BURGUEÊS

Será correto fazer alianças temporárias, delimitadas, com a social-democracia que está a serviço do capitalismo? Sim, desde que o partido preserve a sua identidade de classe, não se confunda com os aliados, nem perca de vista seus objetivos revolucionários. Por isso, o PCdoB deve reconhecer o verdadeiro significado da social-democracia.

A partir da bancarrota da II Internacional, nos anos dez deste século, a social-democra-

cia transformou-se num grosseiro instrumento de defesa do capitalismo, contra o movimento revolucionário da classe operária. Prega a colaboração de classes e a paz social.

No plano político, acena com o socialismo burgueês dito democrático. Ocupou o governo de muitos países e não fez mais do que administrar os negócios falidos da burguesia. Desenvolveu intensa atividade no movimento sindical com o objetivo claro de dividir os trabalhadores no interesse do capital. Na atualidade, suas centrais sindicais de âmbito internacional — a CIOSL e a FSM, com o apoio da AFL-CIO — recorrem ao suborno,

financiando sindicatos e entidades populares de vários países com o fim de colocá-los sob o seu controle e de atrairlos à política de colaboração de classes. Desse modo, a social-democracia caracteriza-se como corrente contra-revolucionária mascarada de socialista e de porta-voz do proletariado.

No Brasil, a social-democracia encontra-se numa fase de implantação. É representada, principalmente, pelo Partido dos Trabalhadores, PT, que congrega além de sindicalistas, lideranças operárias e dirigentes estudantis, também trotskistas, os renegados do marxismo-leninismo e os setores anticomunistas da Igreja Católica. Seguindo a orientação geral da social-democracia, esse partido cria organizações de massas a ele subordinadas, como é o caso da CUT, e procura controlar e submetê-las à sua direção entidades como a UNE, a Andes, a Fasubra, a CPB. Onde isso ocorre, divide o movimento de massas. Politicamente, em questões essenciais, o PT adota posições

coincidentes com a direita mais reacionária. Na eleição de Tancredo Neves, recusou-se a votar no Colégio Eleitoral, aliando-se indiretamente com o Planalto militarista.

Considerou ilegitima a posse do vice-presidente após a morte de Tancredo Neves, com o que faz o jogo dos generais, interessados em promover nova eleição a fim de manter-se no poder. Na Assembléia Constituinte, votou com a direita a forma de governo presidencialista. Sua orientação sindical é abertamente de colaboração de classes. "O papel do sindicato — disse recentemente Lula da Silva — é o de representar os interesses da classe trabalhadora, tentando estreitar cada vez mais o relacionamento entre o capital e o trabalho" (o grifo é nosso).

"Defendo também", diz ele, "o sindicalismo de resultados", fórmula do sindicalismo reacionário dos Estados Unidos, lançada no Brasil por agentes descarados do capital e dos monopolistas norte-americanos, como Ma-

gri e Luiz Antônio Medeiros, presidentes respectivamente dos sindicatos dos eletricitários e dos Metalúrgicos de São Paulo. Isso tudo define a fisiologia social-democrata do Partido dos Trabalhadores.

## FORJAR A UNIDADE

É indispensável considerar todos esses aspectos para fixar corretamente nossa conduta face a essa corrente. Não pode o nosso partido deixar de combater com firmeza a social-democracia enquanto tendência contra-revolucionária (apesar de sua linguagem de esquerda) e divisionista do movimento operário e popular. Fazê-lo com o objetivo de elevar a consciência política dos trabalhadores e de ganhá-los para as posições de classe do proletariado consciente para forjar a verdadeira unidade da classe operária.

Seria erro tático, no entanto, atacar em bloco o PT. Nele militam homens e mulheres progressistas, contingentes consideráveis de proletários dispostos a defender seus interesses e que se mostram subjetivamente a favor do socialismo. Não são poucos os que propugnam a unidade de ação concreta com o Partido Comunista do Brasil. Nele também atuam rancorosos inimigos da unidade da classe operária e das massas populares, furiosos anticomunistas.

Em tais condições tem toda a oportunidade a política de frente única para ações comuns, que visam o combate e firme às forças reacionárias de direita e incentivam a resistência de classe à exploração capitalista. Frente única que não pode ser a adesão dos comunistas às organizações "aparelhadas" pelo PT. Nem a abdicção de nossa orientação independente, bem como da atuação de nossas lideranças.

É conhecida a recusa categórica do PT e das organizações de massas por ele controladas em fazer frente única com os comunistas e mesmo com outras forças. O caso da eleição do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo é exem-

plo. Chegou a surgir, com a chapa 2, uma frente ampla para derrotar os pelegos. A CUT rompeu a unidade, lançou chapa própria. E o resultado foi a derrota dos trabalhadores e a vitória de um agente descarado dos patrões, das multinacionais e da reação política. Esse mesmo fato tem-se repetido em outros sindicatos, embora recentemente haja casos de aceitação de frente única com os comunistas em eleições sindicais. O PT e a CUT querem a unidade petista dos trabalhadores, e não a unidade classista do proletariado. Em outras frentes de luta — estudantil, popular etc., o PT recusou a frente única. Esse exclusivismo redundou em divisionismo.

## POLÍTICA COMUNISTA

Os comunistas são partidários da unidade da classe operária à base, porém, da luta de classes e não da colaboração de classes. Isso de sindicalismo de resultados é a política burguesa de conseguir migalhas do patronato ou do Estado, mantendo os trabalhadores na condição de explorados, de escravos do capital. Somente através da luta de classes, e de sua sólida unidade, o proletariado conquistará os seus direitos, melhoria de vida, e avançará no caminho de sua emancipação social.

O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, propugna uma ampla política de frente única. Procura a ação comum, no campo sindical, mas sobretudo na esfera política com outras correntes e organizações representativas de setores organizados da sociedade, a fim de dar consistência a um poderoso movimento democrático e progressista capaz de derrotar os inimigos dos trabalhadores e da nossa pátria e garantir um futuro melhor para o Brasil. A frente única com o PT, visando ações concretas comuns, enquadra-se nessa orientação geral. Objetiva ampliar a luta dos trabalhadores e do povo e fazer avançar a unidade da classe operária e das massas populares. Isto ajuda as massas a comprovarem na prática e justiça das posições dos comunistas.



INTERNACIONAL



Gosz (à esquerda) substituiu Kádár mas mantém o capitalismo na Hungria

HUNGRIA

## Crise derruba Kádár

Sai János Kádár, entra Károlyi Gosz. Mudança no Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros. A declaração do novo poderoso chefe dos revisionistas húngaros: "Temos encarado fraquezas e imperfeições e devemos agora começar o trabalho para combatê-las". Dentre os objetivos de Gosz está a criação de uma Bolsa de Valores da Hungria. Será a primeira bolsa de valores num país do Leste Europeu que chegou a ter uma democracia popular, depois da II Guerra, mas que abandonou o socialismo após a traição revisionista na URSS nos anos 50.

Kádár saiu do poder deixando a Hungria numa grave crise. Em 1950 havia sido preso

por suas ações contra o Estado socialista e expulso do partido. Mas depois do golpe de Khrushchev na URSS Kádár foi posto em liberdade. Em 1956 foi chamado por Imre Nagy — outro renegado do marxismo — para ocupar o cargo de primeiro-secretário do partido.

**HOMEM DE KRUSCHEV**  
No mando do partido e do governo, Nagy restaurou o capitalismo velozmente. E velozmente os problemas sociais se avolumaram. Grupos ligados aos Estados Unidos e outros países capitalistas atuaram no sentido de atrair a Hungria para suas áreas de influência e exploração. O governo soviético reagiu e enviou tropas para o país. Nagy foi substituído e, por interferência do próprio

Nikita Khrushchev, Kádár assumiu o comando do governo.

Sob sua batuta, a Hungria passou a dar maiores liberdades para atuação de empresas privadas. Contraiu também empréstimos externos. Atualmente é o país com maior dívida externa do bloco oriental: 18 bilhões de dólares, para uma população de 11 milhões de habitantes que amarga baixos salários. A inflação de 15% ao ano é muito elevada para os padrões europeus. Até hoje tropas soviéticas estão estacionadas na Hungria. E para sair da crise as classes dominantes resolveram trocar Kádár por Gosz. Mantendo, porém, o país na senda do capitalismo.

URSS

## O lucro acima de tudo

"O mercado deve ser o motor do desenvolvimento da produção". A declaração é do primeiro-ministro soviético, Nikolai Rízhkov, durante a abertura da sessão da Primavera do Soviet Supremo, dia 24. Ele ainda criticou as grandes empresas estatais e incentivou a criação de pequenas e médias empresas particulares; criticou ainda as fazendas coletivas, e defendeu maior autonomia para as pequenas unidades de produção agrícola.

A direção soviética liderada por Gorbachev já não tem peias na língua para defender abertamente as leis capitalistas naquele que foi o país símbolo do socialismo. Porém as coisas não estão sendo fáceis. A proposta de nova legislação para as cooperativas soviéticas foi vetada pelo parlamento: os impostos elevados que estão sendo defendidos pelos homens de Gorbachev não passaram.

### MANDATO DE 5 ANOS

Já uma outra proposta "inovadora" de Gorbachev passou: mandatos de 5 anos com possibilidade de uma única reeleição para os cargos dirigentes do Partido "Comunista" da União Soviética. Uma norma que nem as organizações dos capitalistas emprega. É mais absurdamente estranha para um partido que se diz vanguarda da classe operária.

Ocorre que o PCUS, desde a ascensão ao poder de Nikita Khrushchev nos anos 50, deixou de ser um partido proletário, como era na época de Lênin e Stálin. Khrushchev mu-

dou até mesmo os estatutos do PCUS, transformando-o em "partido de todo o povo". Dentro do partido, correntes de opinião se formaram. Correntes que disputam postos e o poder. E é justamente fazendo eco às exigências dessas variadas correntes que Gorbachev propõe o mandato por tempo determinado para os dirigentes, possibilitando um revestimento maior desses grupos no comando do partido.

Essa resolução será submetida a uma Conferência Ex-

traordinária do PCUS, convocada para 28 de junho próximo. Nela prevê-se um embate entre os homens ligados a Gorbachev e os liderados de Igor Ligatchev. Nenhum dos dois pautam-se pelo marxismo-leninismo. Mas defendem formas diferentes para o desenvolvimento capitalista na URSS. Neste embate, entretanto, é provável que os trabalhadores tenham melhores condições de tomar consciência da traição de que foram vítimas.



Gorbachev na reunião do Soviete Supremos: mandato de 5 anos



Numa das votações mais aguardadas da Constituinte, deputados e senadores votarão o mandato de Sarney

MANDATO DE SARNEY

# Pessimismo não ajuda

A Assembleia Nacional Constituinte se prepara para uma de suas votações mais importantes: a duração do mandato do presidente José Sarney. Apesar da pressa do Palácio do Planalto em decidir o mais rápido possível essa questão, contando inclusive com a ajuda do presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, que tentou acelerar o ritmo das votações da semana passada para forçar a aprovação do mandato, essa decisão só deverá ser tomada na próxima quarta-feira.

O presidente Sarney, desconhecendo as pesquisas de opinião pública que revelam que a esmagadora maioria do povo brasileiro deseja eleições diretas para Presidente da República ainda em 1988, insiste em se manter no poder até 1990, e faz de tudo para conquistar os votos necessários para lhe assegurar o trono. Na semana passada, o Planalto voltou a desencadear uma grande ofensiva sobre a Constituinte com esse objetivo. Governadores, ministros e outros ocupantes de cargos na administração pública foram mobilizados para pressionar os constituintes e votar pelos 5 anos, oferecendo em troca todo o tipo de concessão, benesses e favores. Ao mesmo tempo, diante dessa ofensiva, a reação dos defensores dos 4 anos está sendo excessivamente tímida. Um clima generalizado de pessimismo e de derrotismo tomou conta da Constituinte, contribuindo para isso declarações

inoportunas de políticos como o ex-governador Leonel Brizola, que disse aos jornais estar convencido da derrota dos 4 anos.

IMPORTÂNCIA DA MOBILIZAÇÃO

É verdade que a situação está difícil. No entanto, os setores democráticos e progressistas não podem abandonar a luta antes que ela acabe e devem fazer todo o esforço possível para conquistar as eleições diretas em 1988. Nesse sentido, por proposta do líder do PCdoB na Constituinte, deputado Haroldo Lima, ao líder do PMDB, senador Mário Covas, será realizada, na próxima terça-feira, uma reunião de todos os constituintes que possuem emendas reduzindo o mandato do presidente Sarney para articular uma ação conjunta em plenário. Ao mesmo tempo, é importante e decisivo o desenvolvimento de uma ampla mobilização popular para o dia da votação, com o objetivo de pressionar os constituintes e demonstrar, mais uma vez, que o povo deseja as eleições diretas em 1988.

OS CAMINHOS DA VOTAÇÃO

A estratégia do governo já está definida. Em primeiro lugar será votada a emenda do constituinte Matheus Iensen, que prevê 5 anos de mandato para Sarney. Caso essa emenda não consiga o número de votos necessários para ser

aprovada será votada uma emenda, resultado de fusão de diversas outras, estabelecendo um mandato de 4 anos. Na hipótese dessa emenda também não obter os votos necessários para aprovação configura-se o buraco negro. Ou seja, o texto constitucional não faz nenhuma menção à duração do mandato do atual presidente da República. Com isso, o Planalto espera jogar a batalha para o terreno jurídico, deslocando-a do campo político, arguindo junto ao Supremo Tribunal Federal qual a duração do mandato de Sarney. Se 5 anos, como prevê a nova Constituição para os próximos presidentes, ou se 6 anos, como estabelecia a Constituição pela qual Sarney foi eleito. Como o STF é um tribunal excessivamente comprometido com o governo, já se pode deduzir que sua decisão será a que Sarney deseja.

Para evitar que isso ocorra, aprofundando ainda mais a crise política do país, é fundamental que os setores democráticos, populares e progressistas se mobilizem no sentido de lutar pela aprovação do mandato de 4 anos. Não só partindo para a ofensiva no terreno parlamentar, como organizando uma grande mobilização popular. O clima de derrotismo e pessimismo que alguns setores insistem em difundir não interessa aos setores progressistas. Objetivamente, serve aos interesses da direita, de Sarney e da reação. (Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília)

# A luta no segundo turno

Aproxima-se o final da votação da nova Constituição, em primeiro turno. Até agora, depois de dezesseis meses de trabalho árduo, o resultado final do texto constitucional já aprovado tem uma característica básica: foram conquistados significativos avanços em questões não essenciais. Já nas questões decisivas que definem o caráter do Estado e do poder no Brasil, não se conseguiu nenhum avanço expressivo. Este resultado foi fruto da correlação de forças existente na Constituinte, amplamente favorável aos setores de centro e centro-direita.

Conquistaram-se avanços, ainda que tímidos, nos direitos sociais dos trabalhadores, garantindo-se a liberdade e a unidade sindical e o direito de greve. Também foram ampliados os direitos políticos e as liberdades individuais — acabou-se com a censura, garantiu-se o voto proporcional e o direito de voto aos maiores de 16 anos. Confirmou-se a gratuidade do ensino e garantiu-se a nacionalização da exploração mineral e uma definição relativamente positiva de empresa nacional, entre outras conquistas. No terreno das grandes derrotas, reafirmou-se o presidencialismo autoritário e imperial, liquidou-se com a reforma agrária, ao não se permitir a desapropriação das propriedades produtivas, e manteve-se inalterada toda a estrutura e o papel constitucional das Forças Armadas, consolidando o militarismo no país.

FORTE PRESSÃO

Encerrada a votação de todo o Projeto de Constitui-



Haroldo Lima Líder do PCdoB na Constituinte

horas para turnos ininterruptos, a licença-paternidade de 120 dias, a nacionalização da exploração mineral, o amplo e irrestrito direito de greve, a proibição dos contratos de risco, a proibição do comércio de sangue, o direito de voto aos maiores de 16 anos, entre outros.

Já os setores progressistas deverão se utilizar do segundo turno para suprimir dispositivos retrógrados incluídos no texto constitucional. Entre os objetivos dos progressistas destacam-se a supressão do Estado de Defesa, do Conselho de Segurança Nacional e da insuscetibilidade de desapropriação por interesse social das terras produtivas, entre outros.

BATALHA REGIMENTAL

A votação do segundo turno envolverá, ainda, uma decisiva batalha regimental. De acordo com o Regimento Interno da Constituinte, no segundo turno cabem apenas emendas supressivas de dispositivos ou expressões já aprovadas e emendas de redação. O Centro, no entanto, pretende apresentar várias emendas de supressão da palavra "não" de diversos artigos, o que significa mudar totalmente o sentido do dispositivo, fazendo com que essas emendas passem a ser modificativas e não substitutivas.

Os setores conservadores e de direita, articulados no Centrão, pretendem apresentar diversas emendas supressivas com o objetivo de liquidar todas as tímidas conquistas já obtidas. Entre os alvos da direita estão, por exemplo, a jornada de seis

Os setores progressistas precisam permanecer atentos e mobilizados, para evitar que no segundo turno todos os avanços às duras penas conquistados ao longo do processo constitucional venham a ser liquidados.

CONSTITUINTE

# Poucos e tímidos avanços

A Assembleia Nacional Constituinte aproxima-se do final de seus trabalhos no primeiro turno. Na semana passada, foram votados os capítulos finais do Título VIII, relativo à Ordem Social, referentes à Ciência e Tecnologia, Comunicação e Família, Menor e Idoso, restando apenas o capítulo relativo aos índios, que deve ser votado na próxima segunda-feira. Em seguida, restarão apenas as Disposições Transitórias, quando se decidirão algumas questões de grande importância, como a duração do mandato do presidente José Sarney, a ampliação da anistia, a data da primeira eleição para deputados estaduais do Distrito Federal, entre outras.

Nas votações da semana passada, predominou o espírito geral que tem marcado até agora os resultados da Constituinte: avanços localizados em questões importantes, mas não decisivas, fruto de acordos entre todas as lideranças partidárias. O melhor resultado desses capítulos foi na Comunicação, onde apesar de todo o lobby comandado pela

Abert e pela Rede Globo, conquistou-se alguns avanços. O mais importante deles foi o fim do monopólio exclusivo do Poder Executivo para distribuir concessões de canais de rádio e televisão. São de iniciativa do Executivo mas só passam a gerar efeitos legais após a sua aprovação pelo Congresso Nacional, mediante a manifestação, em votação nominal, de dois quintos dos congressistas. Isto aumenta o poder do Congresso Nacional e limita o do Executivo. Outras conquistas importantes foram a regionalização da produção artística, cultural e jornalística nos programas de rádio e televisão, a preservação da produção independente e o fim de toda e qualquer censura política. Sem dúvidas, o novo texto constitucional representa certa mudança na política de comunicação do país, um pouco mais democratizada.

No capítulo da Família, Menor e Idoso, apesar da forte pressão dos setores conservadores, ligados à Igreja Católica e aos grupos evangélicos, conseguiu-se consolidar alguns conceitos progressistas,

evitando-se maiores retrocessos, apesar de pouco ter avançado. Nesse terreno, as principais decisões foram a ideia de proteção do Estado à união estável, a manutenção do conceito do planejamento familiar, dando liberdade ao casal para decidir o número de filhos que deseja ter, impedindo qualquer ação coercitiva do Estado e a derrota da tese conservadora que pretendia garantir o conceito de direito à vida desde a concepção, o que impediria constitucionalmente o aborto em quaisquer circunstância, mesmo nas que ele hoje é admitido.

Outra conquista foi a manutenção da imputabilidade penal aos menores de 18 anos, que os setores conservadores pretendiam limitar para os 16 anos, em função da aprovação do direito de voto aos 16 anos.

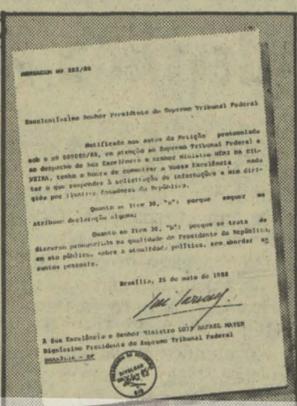
Quanto à Ciência e Tecnologia, a manutenção do conceito de que o mercado interno integra o patrimônio nacional, permite a reserva de mercado para setores estratégicos da economia.

INTERPELAÇÃO DO STF

# Sarney sai chamuscado

O presidente José Sarney saiu pela tangente ao responder à interpelação dos senadores que integram a CPI da Corrupção. Os senadores acionaram o Supremo Tribunal Federal cobrando de Sarney a acusação de "terrorismo moral" que lhes fez, e pedindo esclarecimento sobre a existência de um dossiê contra os integrantes da CPI.

Logo que tomou conhecimento do fato, Sarney chegou a anunciar que não responderia à interpelação, pois teria "assuntos mais importantes a tratar". Um acinte. Afinal, o presidente já chegou a ameaçar a Constituinte com um pedido de interferência do STF caso não fossem aprovadas coisas que lhe agradassem na Carta Magna. Ora, o Poder Judiciário não está acima da Constituinte, logo não teria como interferir no processo. Ocorre que o Poder Executi-



A resposta de Sarney ao STF

contas junto a um dos poderes constitutivos do Estado brasileiro.

O chefe do governo pesou os prós e contras e resolveu recuar de sua posição. Respondeu imediatamente à interpelação do STF. Mas desdizendo todas as coisas que lhe foram atribuídas. Sobre o dossiê contra os homens que investigam a corrupção de seu governo, diz que sequer lhe é atribuída declaração alguma a respeito da existência desse documento. Sobre a acusação de que os senadores estariam exercendo "terrorismo moral" contra o presidente, Sarney diz que o assunto foi abordado em "discurso pronunciado na qualidade de presidente da República, em ato público, sobre a atualidade política, sem abordar assuntos pessoais".

Desconversou. Deixou o dito pelo não dito. E saiu chamuscado.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS — RS

# PT pode aderir à Frente

Aumentaram as possibilidades de o PT aderir à Frente Popular que o PCdoB, o PSB e o PCB articulam para disputar a prefeitura de Porto Alegre. Este foi o resultado mais importante da Convenção Municipal que os petistas realizaram nos dias 21 e 22 na capital gaúcha, e que terminou com a indicação do deputado Olívio Dutra como candidato a prefeito. A convenção foi marcada, do início ao fim, por intensas disputas entre as várias correntes que coexistem no interior do PT.

Quatro pré-candidatos chegaram a disputar o voto dos convencionais. Por trás da escolha de nomes estava, porém, o debate sobre a tática eleitoral que este partido adotará este ano. Olívio deu, antes e depois da convenção, declarações favoráveis à formação de uma frente progressista. Contra esta postura estavam Tarso

Genro, ligado ao PRC, e Flávio Koutzi, identificado com as posições do jornal "Em Tempo". Também concorreu Darcy Camponi, candidato independente.

MARGEM ESTREITA

O primeiro turno da votação serviu para mostrar a influência que os grupos sectários detêm junto à militância petista. Olívio obteve 957 votos e ficou em primeiro. Logo em seguida, porém, vieram Koutzi, com 650 votos, e Genro, com 522. Camponi obteve apenas 58 adesões. Tudo isso indicava que Koutzi e Genro, somados reuniam forças superiores às do atual presidente do PT. No segundo turno de votação, e por apenas 9 votos de diferença, Olívio, mesmo desgastado, firmou-se como candidato majoritário. Ele obteve 1.025 votos, contra 1.016 de Koutzi.



Jussara (PCdoB) e Olívio (PT), possíveis candidatos.



VITÓRIA DA FRENTE

O resultado final, de qualquer forma, foi visto como positivo pelas correntes progressistas empenhadas há mais de dois meses na formação e consolidação da Frente Popular. PCdoB, PSB e PCB já partem para ações conjuntas de massa. Para a próxima semana, por exemplo, está prevista o lançamento de um manifesto ao eleitorado, conclamando-o a unir-se em torno de diretas-88 e da luta para conquistar uma administração municipal democrática, progressista e voltada para as necessidades da população trabalhadora.

O fato de o PT ter adiantado o nome de seu candidato não será obstáculo à concretização da Frente. Na verdade, além do Olívio mais duas candidaturas progressistas foram apresentadas recentemente: a da vereadora Jussara Cony, pelo PCdoB, e a de Fúlvio Petraco, pelo PSB. A própria Jussara observa que o processo deverá convergir para a escolha de um candidato único entre os nomes já sugeridos.

OUTRAS ARTICULAÇÕES

A unidade, aliás, vai se mostrando mais indispensável à medida em que vêm à luz outras articulações, patrocinadas pelas forças reacionárias para empalmar a prefeitura. A mais comentada destas armações é a que procura reunir, em torno de um único nome, o PFL, o PDS e o PTB porto-alegrenses.

FUNCIONALISMO

# A batalha pela URP

Prossegue a batalha judicial contra o decreto-lei 2.425 do governo Sarney que congelou a URP por dois meses para o funcionalismo público federal e para os trabalhadores das empresas estatais. Na quarta-feira, dia 25, por exemplo, mais duas liminares foram concedidas em primeira instância garantindo o pagamento da URP. A primeira beneficiou os 15 mil funcionários da Telesp de São Paulo; a segunda atingiu os 1,5 mil metalúrgicos da Mafersa da capital paulista.

A disputa pela URP na Justiça tem alcançado grande repercussão. Apesar do governo ameaçar com demissões em massa e do Supremo Tribunal de Recursos rejeitar a maioria das liminares concedidas nos Estados, vários sindicatos continuam se utilizando desse mecanismo de luta. Segundo informações do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, diariamente as entidades sindicais entram com processos reclamando esse direito.

Algumas empresas estatais inclusive já têm efetuado o pagamento dos salários com a URP do mês. É o caso do Banco do Amazônia (Basa), que determinou o pagamento das URPs de abril e maio aos funcionários de sua agência de Ribeirão Preto (SP). O Sindicato dos Petroleiros de Paulínia, por sua vez, conseguiu manter a liminar assegurando a URP. Essa é a terceira refinaria da Petrobrás onde os trabalhadores conseguem ganho na Justiça para o pagamento da URP. Capuava e São José dos Campos, também no interior paulista, foram as duas anteriores.

mente, ele já terá cumprido seu efeito no aspecto orçamentário do governo federal — isto porque o congelamento está previsto para durar dois meses.

As lideranças oposicionistas têm denunciado a manobra do governo e acreditam numa vitória tanto na Câmara de Deputados como no Senado. A rejeição do decreto-lei facilitaria a ação dos sindicatos na Justiça. Exatamente por isso, caravanas de trabalhadores das estatais e de funcionários públicos se deslocaram para Brasília para pressionar os deputados.

Outra batalha decisiva se dará na próxima quarta-feira, dia 1º de junho, no Tribunal Superior do Trabalho (TST). Os juízes analisarão a constitucionalidade do decreto-lei que congelou a URP de abril e maio. Segundo o ministro Marcelo Pimentel, presidente do TST, as liminares concedi-

das em primeira instância nos Estados deverão interferir na votação de quarta-feira. Também a votação no Congresso, caso ocorra, terá peso na reunião do TST. Para o advogado Ulisses Riedell, que defende os funcionários da Petrobrás, “depois que o Congresso Nacional revogar o decreto-lei, será muito mais conveniente questionar o TST.”

A maior debilidade na luta pela URP tem sido a mobilização nas bases. Após a surpreendente greve de protesto nos dias 3 e 4 de maio, que atingiu cerca de 1,5 milhão de funcionários públicos e trabalhadores das estatais, o movimento sindical ficou sem ação. O Comando Nacional de Mobilização dos funcionários do setor chegou a marcar outra paralisação nacional para o dia 25 de maio. Mas esta foi suspensa e substituída por um Dia Nacional de Mobilização, que acabou tendo pouco impacto.



OCUPAÇÃO DE TERRENOS/NOVA IGUAÇU

## O valor da organização

A Federação de Bairros de Nova Iguaçu aprovou um dia municipal de luta pelo saneamento básico e pela habitação. Foi assim que no dia 22 de maio mais de 4 mil famílias realizaram uma série de ocupações em terrenos abandonados da prefeitura local, que eram destinados à construção de casas populares.

Nova Iguaçu (município da Baixada Fluminense) é a sétima cidade do país e possui uma população predominante de operários e setores populares. Foi uma das cidades que mais sofreu as consequências das últimas enchentes no Rio. As condições de vida são péssimas. Quase não há saneamento básico. Há mais de 10 anos não se constrói uma única casa popular no município.

Foram mobilizadas as pessoas cadastradas durante a última enchente e aqueles que não mais agüentam pagar os alugueis altíssimos para um simples barraco. Em Belfort Roxo foi ocupada uma área por mais de 2 mil famílias — nessa área a prefeitura alegava que não construía casas por não ter a liberação da Cehab; e a Cehab dizia que não liberava porque a prefeitura não havia feito a terraplanagem....

No 3º Distrito de Nova Iguaçu, Amabai, 300 famílias ocuparam um terreno abandonado desde 1949 — no bairro não existem terrenos públicos. Apenas no 1º Distrito a Tropa de Choque da PM carioca conseguiu desalojar os ocupantes, pois o terreno foi reivindicado pela Metalúrgica

Usimec, que não apresentou nenhum documento comprovando a posse.

Nos terrenos foram separadas áreas para a construção de praças, postos de saúde, escolas, centros comunitários etc. Foram evitados os terrenos destinados ao uso coletivo e foram cadastrados todos os ocupantes, para evitar o ingresso de oportunistas. A Federação de Bairros, ao tempo em que organizou as ocupações, denunciou a corrupção que está havendo na distribuição de material para a reconstrução de casas destruídas durante as enchentes. Nas fichas elaboradas pela prefeitura foram constatados absurdos, como o de pedirem 4 mil tijolos para levantar uma parede de barraco.

### PROVOCAÇÃO

No entanto, no dia 25, a cidade amanheceu repleta de cartazes apócrifos caluniando Dicéia Nahum e Zuleika, respectivamente presidente e vice-presidente da Federação de Bairros. Os cartazes diziam que Dicéia é “profissionalizada” e que fez curso no exterior para aprender como organizar ocupações, além de “estranyhar” a aliança do PCdoB com a igreja de Dom Adriano Hipólito nas ocupações.

Segundo Dicéia Nahum, os cartazes devem ser obra do grupo que apóia o prefeito. Não só pelas ocupações e pela denúncia das fraudes do cadastramento dos desabrigados das enchentes, como

também pela denúncia do trem da alegria promovido pela prefeitura recentemente. A Federação deu um prazo até 6 de junho para uma resposta às suas reivindicações. Caso contrário começará a construir nos terrenos.

Já na Zona Oeste não existe o mesmo grau de organização demonstrado em Nova Iguaçu. Também esta região se caracteriza por uma concentração operária e popular, havendo um grande déficit de habitações e enormes áreas abandonadas. Mas devido às debilidades de organização, a maioria das áreas ocupadas está destinada ao uso comunitário, como campos de futebol, praças públicas, e até mesmo calçadas mais largas.

### ORGANIZAÇÃO

É evidente que predomina a grande necessidade do povo de fugir do aluguel, ou até mesmo pessoas que desde as enchentes da época do carnaval moram em escolas públicas. Em alguns locais, grupos de provocadores que visam somente desgastar a prefeitura assumiram o comando da mobilização. Nestes casos, as ocupações não estão conseguindo se sustentar.

Já em outras localidades, o povo tem rapidamente aprendido a necessidade de se organizar, fazendo o cadastramento dos ocupantes, demarcando os terrenos e constituindo comissões para representar todas as famílias dos lotes. (da sucursal)



### Momento decisivo

Nos próximos dias, a discussão sobre o congelamento da URP passará por dois fóruns decisivos. O primeiro será a votação do decreto-lei 2.425 no Congresso Nacional. Os parlamentares governistas têm procurado adiar a votação, temendo uma derrota política. Mesmo que o decreto-lei venha a ser rejeitado posterior-



Após a greve geral de maio, que paralisou vários órgãos do governo, o funcionalismo pressiona na justiça

## AOS ASSINANTES

Julgamos mais adequado às nossas atuais condições suspender a circulação da Tribuna Operária após a presente edição. Nossa idéia não é interromper a publicação de maneira definitiva. Pelo contrário, pretendemos voltar a distribuir o jornal — num novo patamar, com conteúdo e forma mais ricas no mais breve espaço de tempo possível. Enquanto isto não ocorre, o prezado assinante — que muito nos tem ajudado a sustentar financeiramente a imprensa proletária — receberá exemplares da Classe Operária, inicialmente a cada quinzena e logo que possível semanalmente. Esperamos contar com a compreensão do companheiro assinante.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — São Paulo — SP — CEP 01318 — Telefone: 36-7531 (DDD 011) — Telex: 1132133 TLOBR  
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira  
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Olívia Rangel, Bernardo Joffily  
 ACRE: Rio Branco: Edifício Felício Abrahão, 2º andar, sala 32 — CEP 69900  
 ALAGOAS — Arapiraca: Pça. Luís Pereira Lima, 237 Sobreloja CEP 57000  
 Maceló: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000  
 AMAZONAS — Manaus: R. Simon Bolívar, 231 (ant. Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — Rua João Pessoa 53, São Lázaro. Fone: 237-6644 — CEP 69000  
 BAHIA: Camaçari: R. José Nunes de Matos, 12 — CEP 42.800  
 Feira de Santana: Av. Sr. dos Passos, nº 1399 — 2º andar — sala 1415 — CEP 44100

Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928 1º andar sala 1 — Centro — CEP 45600. Itapetininga: Av. Santos Dumont, 44 1º andar Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A CEP 44060. Paratinga: Rua Marechal Deodoro, 30 Centro CEP 47500. Salvador: R. Conselheiro Junqueira Ayres, 41 — Barris — CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de setembro (prédio da ant. Cimesf) — CEP 43700  
 DISTRITO FEDERAL: Brasília: HIGS Bloco G Casa 67 — CEP 70302 — Telefone 225-8202  
 CEARÁ — Fortaleza: Av. Tristão Gonçalves, 789 CEP 60000. Iguatú: Pça. Otávio Bonfim, s.n. Altos — CEP 63500. Sobral: Av. Dom José, 1236 sala 4 CEP 62100  
 ESPÍRITO SANTO — Cachoeiro do Itapemirim: Pça. Gerônimo Monteiro, 89 sala 2 Centro — CEP 29300. Vitória: Rua Prof. Baltazar, 152 CEP 29020  
 GOIÁS — Goiânia: Rua 3, nº 380 casa 6 CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de ju-

lho, 821 Centro — CEP 77100  
 MARANHÃO — São Luís: Rua Osvaldo Cruz, 921 Centro Fone: 221-5440 CEP 65000  
 MATO GROSSO — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 Fundos CEP 78030 — Fone 321-5095  
 MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Maria Madalena, 5 CEP 79010  
 MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 Centro — Fone 224-7605 — CEP 30000  
 PARA — Belém: Rua Manoel Barata 993 CEP 66000  
 PARAIBA — João Pessoa: Pça. 1817 nº 118 2º andar Centro CEP 58020

Campina Grande: Praça da Bandeira, 117 1º andar Centro CEP 58100  
 PARANÁ — Curitiba: Rua Saldanha Marinho, 370 2º andar CEP 80000 Fone: 222-9120. Londrina: Rua Sergipe, 984 sala 206 2º andar CEP 86100  
 PIAUI — Teresina: Rua Desembargador Freitas, 1459 Fone: 222.2044 CEP 64000  
 PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vígalo Batista, 236 CEP 54500. Garanhuns: Rua Dentas Barreto, 5 sala 1 Centro CEP 55300. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista CEP 50750  
 RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Jundiá, 420-A CEP 59000 — Cid. Alta  
 RIO GRANDE DO SUL: Porto Ale-

gre: Rua Vig. José Inácio, 687 3º andar CEP 90020. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2049 CEP 95100. Canoas: Rua Tiradentes, 130 sala 405 CEP 92100. Cruz Alta: Rua João Manoel, 433 CEP 98100. Pelotas: Rua Tiradentes, 2394 1º andar CEP 96010. Santa Maria: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1357 Fundos — CEP 97100. Novo Hamburgo: Rua Lucas de Oliveira, 96 sala 6 CEP 93510. Rio Grande: Rua Gal. Vitorino, 746-A CEP 96200  
 RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua 1º de Março, 8 2º andar Fone: 252-9935 CEP 20000 — Niterói: Av. Amarel Peixoto 370 sala 808 Centro — CEP 24000. Duque de Caxias: R. Nunes Alves, 40 sala 101 CEP 25000. Nova Iguaçu: Trav. Renato Pedrosa, 33 sala 319 CEP 26900  
 SANTA CATARINA — Florianópolis: Pça. XV de Novembro, 21 sala 705 Caixa Postal: 1231 CEP 88075  
 SÃO PAULO — São Paulo: Rua Condessa de São Joaquim, 272 Fone 277-

3322 CEP 01318 Bela Vista. Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281 sala 6 CEP 13470. Botucatu: R. Armando de Barros, 817 1º andar sala 2 CEP 18600. Campinas: Rua Senador Saravia, 448 Fone 2-6345 CEP 13100. Marília: R. Dom Pedro 180 CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 20 2º andar, sala 12 CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119 Caixa Postal 533 CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195 1º andar sala 19 CEP 12200. Guarulhos: R. Pe. Celestino, 42 sala 8 2º andar CEP 12200  
 SERGIPE — Aracaju: Rua Itabaiana-nha, 145 sala 104 CEP 49010  
 A Tribuna Operária é uma publicação de Editoria Anita Garibaldi Ltda. Composição: Past-up, Fotolitos e Impressão: Oia. Editora Jorjús. (Fone: 815-4999) São Paulo SP.

# Tribuna Operária

# Um jornal da classe operária

Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, pela democracia e pelo socialismo. Esta marca a **Tribuna Operária** carregou sempre, e com orgulho, desde o lançamento dos números 0 (no dia 18 de outubro de 1979) e 1 (7 de novembro do mesmo ano, data do aniversário da grande revolução soviética).

Não é tarefa simples, nem fácil, manter um jornal claramente identificado com os interesses da classe operária no ambiente hostil do capitalismo. Ao contrário do que ocorre com a grande imprensa, não se conta com os anúncios milionários e os recursos abundantes da burguesia.

O público a que se destina um jornal como a **Tribuna Operária** — composto pelas classes e camadas sociais exploradas e oprimidas — é, em geral, pobre e carente. Não obstante, é ele o sustentáculo desse tipo de imprensa, inclusive no aspecto financeiro.

Nestes quase 10 anos a TO sempre teve a sua existência garantida pelo povo. Milhares de trabalhadores, donas-de-casas, estudantes, etc, entregaram-se com despreendimento à sua distribuição nas fábricas, bairros, escolas. O jornal enfrentou a fúria da reação — atentados a bombas, perseguições de todo tipo, mas não deu o braço a torcer. Jamais deixou de defender os interesses dos operários e do povo, como evidenciam as primeiras páginas de algumas edições reproduzidas abaixo.



“Pelos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, pela mais ampla liberdade política, pela democracia popular e a independência nacional, pelo socialismo — esta é a nossa plataforma.”

“Por uma tribuna de luta, a serviço do que há de melhor no movimento operário e popular — é a nossa proposta.”

Esses foram os trechos finais do editorial publicado no número 0 do Jornal (18/10/79). Refletindo tais compromissos, a manchete destacou a luta dos trabalhadores contra o arrocho que o governo militar queria impor.

O episódio do Riocentro, em seus desdobramentos, acabou provocando em algumas correntes oposicionistas ilusões quanto ao caráter e os compromissos do governo militar. Até o PT se assustou, abandonou o radicalismo de palavras e, através do seu presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, foi prestar solidariedade a Figueiredo, na vã esperança de que ele exigiria a apuração de responsabilidades.

A **Tribuna Operária** não se deixou levar pelo canto de sereia. Estava certa. Figueiredo realmente engoliu a bomba. As edições número 39 e 40, que abordaram o assunto, foram arbitrariamente apreendidas pela polícia do regime militar.



A tarefa é liquidar o terror e o regime

Greve contra o desemprego!

É possível cumprir os prazos dos dias

Trabalhadores franceses mostraram nas urnas que não aceitam pagar a crise

Evidenciar o caráter capitalista dos países dirigidos pelos revisionistas contemporâneos foi sempre uma preocupação refletida com seriedade nas páginas do TO. O golpe na Polônia foi manchete de capa nº 55, de 19/12/81. “No socialismo de verdade não há lugar para golpes como o do general Jaruzelski. O que houve na Polônia foi uma quartelada no estilo latino-americano, só que patrocinado pela União Soviética”, sustentou o jornal na ocasião, chamando a atenção para as reformas capitalistas implantadas pelo governo polonês.



A grandiosa jornada de luta do povo brasileiro em favor das eleições diretas para presidente da República em 1984 foi acompanhada com entusiasmo pelo jornal. No número 164 (de 23/4/84) a capa foi ocupada pela memorável passeata que reuniu 1,5 milhão de pessoas em São Paulo. A edição destacava que em apenas uma semana “mais de 3 milhões saíram às ruas pelas diretas-já, nas manifestações do Rio de Janeiro, Goiânia, Porto Alegre e São Paulo” e, ainda, que o governo federal estava em choque frontal com a vontade da esmagadora maioria dos brasileiros.



A batalha por uma rigorosa auditoria da dívida externa e o não pagamento dos supostos débitos (sejam juros ou o principal). A **Tribuna Operária** também assumiu com força a defesa desta exigência patriótica. Em várias edições (como a de nº 303, 9/3/87) o jornal denunciou a agiotagem dos banqueiros estrangeiros, a sangria desatada das riquezas nacionais por meio dos juros e a verdade de que, sem solucionar este problema, o Brasil estará condenado à miséria crescente. O caráter entreguista do governo Sarney foi alvo de duras críticas nas páginas da TO.

Outra bandeira que a **Tribuna Operária** abraçou com firmeza foi a da reforma agrária antilatifundiária. Os crimes do latifúndio e da UDR no Brasil foram denunciados com vigor nas páginas do jornal. O número 316 (15 de junho de 1987) foi, em boa parte, dedicado à cobertura do assassinato do advogado, ex-deputado e dirigente do Partido Comunista do Brasil no Pará, Paulo Fontelles, episódio que chocou o país, repercutiu profundamente na Assembléia Constituinte e foi condenado com veemência por todas as correntes democráticas progressistas.



## Nas Tribuninhas, datas e episódios marcantes

O movimento operário sempre mereceu a maior atenção da TO. Em ocasiões particularmente importantes eram editados números especiais — que ficaram conhecidos como **Tribuninhas**. Nestas situações, “comandos” de voluntários saíam às ruas e ousadamente vendiam os exemplares ao mesmo tempo em que compravam a briga para defender as posições revolucionárias expostas nas páginas do jornal.

Em julho de 1981 saiu uma **Tribuninha** revelando o mar de lama instaurado no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. As denúncias estouraram como uma bomba entre os pelegos. Ainda houve uma ameaça de processar a direção do jornal. Mas o perigo de novas relações aparecerem oficialmente, nos tribunais, desencorajou os mafiosos.

Um ano depois novamente uma **Tribuninha** fez história. Seu conteúdo eram as teses dos sindicalistas verdadeiramente partidários de um movimento operário unitário e combativo, dirigidas ao Congresso das Classes Trabalhadoras, marcado para 27, 28, 29 de agosto de 1982, que afinal acabou não se realizando — frustrado pela ação divisionista do PT principalmente, e pelas protelações dos pelegos. Isto deu origem, em 83 à divisão da cúpula sindical, com o surgimento da CUT e, depois, da CGT.



Na eleição de 84 e depois, em junho de 1987, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, as **Tribuninhas** se manifestaram. Nesta última, o fogo se concentrou na chapa pelega de Luiz Antônio Medeiros. E os tribuneiros enfrentaram violências em portas de fábricas para levar o jornal aos operários.

Mas as edições especiais apareciam em diversas outras datas. Como não podia deixar de ser, em 14 de março de 1983 o jornal presta uma homenagem ao grande gênio do proletariado, Karl Marx. Nesta data completa-

va um século da morte do criador da doutrina científica do socialismo. Resumidamente o jornal tratou de expor as bases do pensamento marxista, dar alguns flashes de sua trajetória no Brasil e algumas datas marcantes na vida de Marx.

Um ano antes, em 25 de março de 82, havia saído uma **Tribuninha** com uma visão sucinta da luta pelo marxismo no Brasil, com a fundação do Partido Comunista do Brasil (em 25 de março de 1922). Este número especial mostra a batalha pela criação do partido, sob a influência da revolução socialista de outubro de 1917, na Rússia, e das greves operárias aqui no Brasil, de 1917 a 1920.

O jornal tratou também de interferir nas batalhas eleitorais. Em novembro de 1985, uma **Tribuninha** dedicada às eleições municipais em São Paulo entrou na história por uma particularidade — depois de vários atentados e apreensões durante a ditadura, esta, na Nova República, foi apreendida pela Polícia Federal a pedido do PT. Evidentemente, como aliás das outras vezes, a ofensiva foi frustrada. Ninguém fica esperando a repressão chegar: o jornal vai das máquinas ao povo, direto e mais rápido possível. Mas o PT podia dormir

